

Importando para exportar

A EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL É MAIS FAVORÁVEL DO QUE PARECE

Rogério L. Furquim Werneck*

A lista das maiores empresas importadoras do País é encabeçada pela Petrobrás. Em seguida há seis grandes empresas industriais cujas importações merecem alguma atenção. São produtoras de equipamento aeronáutico e aparelhos de telecomunicação e montadoras. Por ordem decrescente de valor das importações: Embraer, Motorola, Ford (incluindo sua subsidiária Visteon), Ericsson, Volkswagen e GM. Essas seis empresas são responsáveis por cerca de 10% do total das importações (exceto combustíveis) da economia brasileira. E, entre o terceiro trimestre do ano passado e o terceiro trimestre deste ano, suas importações cresceram 36%.

É difícil explicar expansão tão rápida de importações com base apenas no que está ocorrendo com a demanda interna de bens produzidos por estas empresas. É verdade que, no caso de telefones celulares e equipamentos de telecomunicação, a rápida ampliação das redes disponíveis e a disseminação do uso de serviços telefônicos têm levado a uma expansão de demanda muito mais rápida do que o crescimento do PIB. Mas não é fácil encontrar explicações similares para a demanda interna de aviões, automóveis e caminhões. Por outro lado, é possível que as seis empresas em consideração estejam simplesmente optando por um uso mais intensivo de insumos importados nos seus processos produtivos ou por atender, com bens finais por elas importados, a parcela maior da demanda interna por seus produtos. Embora isto possa estar ocorrendo em algum grau, é difícil enxergar alterações recentes de política comercial ou de política cambial que possam explicar aumento tão rápido do conteúdo importado das vendas destas empresas no mercado interno.

Uma explicação muito mais simples para o crescimento das importações é o que está ocorrendo com a demanda externa. Além de grandes importadoras, as seis empresas são também grandes exportadoras. Estão todas incluídas na lista das 20 maiores empresas exportadoras do País, afora a Petrobrás. Juntas, foram responsáveis, em outubro, por cerca de um quinto das exportações de manufaturados e por 12% do total exportado pela economia brasileira. E, entre o terceiro trimestre do ano passado e o terceiro trimestre deste ano, suas exportações cresceram quase 82%. Para atender a toda esta ampliação de vendas externas, tem sido necessário importar. É isto que parece explicar boa parte do aumento de 36% observado nas importações destas empresas no mesmo período. Apesar do crescimento tão rápido das importações, o resultado líquido aparente tem sido uma contribuição expressiva deste conjunto de seis grandes empresas à melhora da balança comercial brasileira. Em outubro de 1999, suas vendas externas mensais eram praticamente iguais às suas importações. Em outubro deste ano, o seu saldo mensal conjunto atingiu US\$ 150 milhões que, em bases anuais, corresponde a US\$ 1,8 bilhão.

A palavra *aparente*, usada acima, deve ser lida com a devida atenção. Esta cifra só leva em conta efeitos diretos das operações das seis empresas sobre a balança comercial. Não capta efeitos indiretos, advindos das importações contidas nos insumos comprados de fornecedores locais. Se estes efeitos indiretos forem devidamente mensurados, a cifra terá de ser substancialmente corrigida para baixo. Mas, ainda assim, como tal correção teria de ser feita tanto nos dados do terceiro trimestre de 1999 como nos do mesmo trimestre deste ano, subsistiria a constatação de uma contribuição expressiva das seis empresas à *melhora* da balança comercial nos últimos doze meses. A menos, é claro, que haja razões para crer que o conteúdo

indireto de importações presente nos insumos comprados localmente esteja aumentando. E é até possível que isto possa estar ocorrendo em algum grau. Plantas mais modernas de algumas montadoras, por exemplo, na verdade combinam instalações industriais de vários fornecedores de componentes, que podem estar usando mais intensamente peças importadas. Mas isto teria que estar ocorrendo em escala e ritmo improvavelmente altos para que se tornasse negativo o impacto direto e indireto das operações das seis empresas sobre a balança comercial nos últimos doze meses.

Por outro lado, dada a dinâmica recente do comércio exterior destas empresas, uma parcela importante dos efeitos diretos das suas operações sobre a balança comercial do País ainda está por se fazer sentir. Se boa parte do crescimento das suas importações decorre da rápida expansão das suas exportações, o que está sendo importado neste mês está relacionado ao que estará sendo exportado no próximo mês ou, talvez, nos próximos meses, dependendo de quão longo for o ciclo de produção envolvido. Ou seja, as importações de cada mês têm sido bem mais altas do que seria explicado pelas exportações do próprio mês. Isto significa que um arrefecimento deste crescimento tão rápido das exportações, que coloque as vendas externas destas empresas em trajetórias de expansão a taxas mais moderadas e sustentáveis, deverá ser precedido, em alguns meses, pelo arrefecimento do crescimento das suas importações. E isto deverá fazer aflorar um saldo comercial bem mais expressivo do que o que vem sendo observado por enquanto.

Mês	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Exportações	100,0	100,0	105,0	110,3	115,8	121,6	127,6	134,0	140,7	147,7	155,1	162,9	162,9
Importações	80,0	84,0	88,2	92,6	97,2	102,1	107,2	112,6	118,2	124,1	130,3	130,3	130,3
Saldo	20,0	16,0	16,8	17,6	18,5	19,4	20,4	21,4	22,5	23,6	24,8	32,6	32,6

A tabela anexa apresenta exemplo numérico simples que ajuda a entender o argumento. Para cada 100 que exporta, supõe-se que a empresa precise importar 80 no mês anterior. Inicialmente as exportações estão estabilizadas em 100. Mas a partir do mês 2, entram em processo de crescimento de 5% ao mês, durante dez meses, e voltam a se estabilizar em novo patamar no mês 12. Para isto, é necessário que as importações já comecem a crescer no mês 1, antes de as exportações iniciarem sua expansão. No início do processo, isto leva a uma deterioração do saldo mensal. Mas, em compensação, quando o período de crescimento de exportações chega ao fim, as importações já pararam de crescer um mês antes. O que provoca uma brusca elevação do saldo comercial, no final de um período de melhora relativamente lenta deste saldo.

Isto não significa, é claro, que se deva torcer para um arrefecimento do crescimento das exportações das seis empresas. Muito pelo contrário. Significa apenas que a expansão de vendas externas destas empresas, por “pequeno” que possa ser o valor agregado nas exportações, encerra uma melhora das contas de comércio exterior bem menos decepcionante do que parece sugerir a evolução do saldo comercial. Mas é preciso mais informação. Dados que permitam separar importações das seis empresas em bens intermediários e bens finais poderiam ser particularmente elucidativos. Embora tais empresas respondam por uma parte relativamente pequena do comércio exterior do País, trata-se de uma parte especialmente dinâmica. Tentar entender o que vem ocorrendo com suas exportações e importações é um passo importante para uma percepção mais clara dos determinantes da evolução recente da balança comercial.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.